

Podem estes Ossos Viver? Críticas Feministas à Redenção

Rita Nakashima Brock e
Rebecca Ann Parker*

RESUMO

Este artigo trata do tema da violência familiar, de como a teologia clássica serviu para legitimar a violência perpetrada por homens contra mulheres e crianças, dentro da família patriarcal. Parafraseando um texto de Ezequiel, ele fala dos "ossos secos" que representam a morte, para os que sofrem e vivem numa situação de violência. Através de imagens, as autoras mostram como a teologia mistificou as relações de violência de gênero, através da doutrina da redenção pela cruz de Jesus, que tentou explicar esta morte como um sacrifício pelo pecado e uma vitória sobre suas conseqüências. A doutrina da redenção, numa variedade de formas, teve conseqüências devastadoras, por prender as vítimas em ciclos de violência. Esta doutrina reapresenta o sofrimento e a vitimização como uma necessidade espiritual e moral. As autoras afirmam que esta foi uma *mistificação teológica do cristianismo*, porque a execução de Jesus vai permanecer na história como um evento de *terrorismo de Estado*. Elas dão ênfase na vida, na vida em abundância – carne e sangue – para resistir ao sofrimento e ao mal. Concluem que precisamos de vida – carne e sangue – sobre os velhos ossos secos...

Palavras-chave: violência familiar – teologia clássica – sofrimento – vitimização – Vida.

Uma leve batida soou à porta do escritório da igreja; abri-a e a mulher apresentou-se: "Olá, pastora! Meu nome é Rosa G. e eu moro no fim do quarteirão. Pelo seu nome na placa da igreja percebi que era uma mulher. Talvez por ser mulher a senhora possa compreender o meu problema e me ajudar." Eu era nova no ministério. Jovem. Acabara de sair do seminário. Sabia muito sobre teologia, mas não muito sobre a vida. Fiquei lisonjeada por ela solicitar a minha ajuda. "É claro, entre."

Ela sentou-se no velho e confortável sofá do escritório e sorriu. Seu rosto era caloroso e triste ao mesmo tempo. "Já faz algum tempo que não conversei com ninguém sobre isso", disse ela. "Mas agora estou preocupada com meus filhos. Há vinte anos, eu procurei um pastor. Tenho tentado seguir seu conselho. Mas já não tenho mais muita certeza. O problema é meu marido. Ele, às vezes, me bate. Na maior parte do tempo, ele é um bom homem. Mas, às vezes, fica furioso e me bate; me derruba a pancadas. Uma vez quebrou meu braço e tive de ir para o hospital. Mas não contei aos médicos como tinha quebrado o braço. O pastor disse que eu deveria regozijar em meus sofrimentos porque eles me aproximavam mais de Jesus. Ele disse que Jesus sofreu porque nos amava. Disse que, se eu amava a Jesus, deveria aceitar os espancamentos. Eu tentei. Mas agora ele está se voltando contra as crianças. Diga-me, o que o pastor me disse é verdade?"

Rosa me olhou nos olhos, sondando. Encontrei seu olhar e fiquei quieta. Minha boca não se movia. Eu não conseguia formar as palavras.

No domingo, eu havia pregado sobre a disposição do amor em sofrer, a manter os relacionamentos mesmo quando eles eram dolorosos, a manter os laços com os outros mesmo quando eles nos magoam. Eu era uma cristã liberal. Não acreditava que o sofrimento de Jesus na cruz havia trazido a nossa salvação. Mas cria, sim, que a vida de Jesus revelava a natureza do amor, e que o amor nos salvaria. Eu acreditava que o amor era capaz de suportar todas as coisas. Que

* Rita Nakashima Brock é doutora em Teologia, professora da Episcopal Divinity School em Havard (EUA) e pastora da Igreja Discípulos de Cristo; Rebecca Parker é doutora em Teologia, professora da Episcopal Divinity School em Havard (EUA) e pastora da Igreja Metodista. Tradução de Cristina Paixão Lopes.

ele nunca rompe os relacionamentos. Coloca a abertura ao outro antes da preocupação consigo mesmo. Eu sabia que se respondesse à pergunta de Rosa, de fato teria que repensar minha teologia. Mais que isso, teria de encarar escolhas que estava fazendo em minha própria vida.

No silêncio daquele momento de emudecimento, eu podia ver nos olhos de Rosa que ela sabia a resposta à sua própria pergunta, assim como eu. A questão mais profunda era: poderiam duas mulheres, sentadas na igreja, falar de um modo que ultrapassasse o véu que a doutrina teológica havia colocado entre nós?

“Não é verdade”, disse eu. “Deus não deseja o nosso sofrimento. Deus quer que nós vivamos. Deus não deseja que abramos mão de nossas vidas, mas, sim, que nos apossemos delas.”

Rosa abriu um sorriso largo e seus olhos dançaram. “Eu sabia que estava certa!”, disse ela, “mas é bom ouvir da senhora. Agora sei que devo fazer o que vinha pensando em fazer.”

A partir desta conversa, Rosa tomou uma série de decisões para proteger sua vida e as vidas de seus filhos. Fez cursos na faculdade local até estar preparada para o mercado. Arranjou um emprego. Então mudou-se com seus filhos para uma nova casa. Finalmente, seu marido procurou ajuda, e Rosa começou a permitir que ele passasse os fins de semana com as crianças. “Elas recuperaram o pai”, disse Rosa, “e eu recuperei minha vida”.

E eu comecei a repensar as doutrinas do cristianismo.

Para muitas teólogas e pastoras feministas, há um momento de definição como este. A realidade da vida, nossa ou de alguém, nos toca no âmago daquilo que acreditávamos ser verdadeiro e sacode os alicerces de tudo. Quando tal momento acontece, jamais poderemos retornar à antiga fé – às palavras, rituais e idéias que moldaram nossas vidas e práticas, que estruturaram um universo significativo no qual podíamos viver em segurança, até irrefletidamente. Aquela antiga fé torna-se como um vale de ossos secos. O sentido de nossas vidas nos assombra enquanto buscamos

discernimento e um outro caminho que salve nossas vidas, que não as desperdice numa fé que nos pede para suportar a violência e arriscar nossas vidas por amor.

Quando nascemos, somos lançados num mundo no qual o sofrimento é um fato cruel. Vivemos no interior de estruturas de poder que podem nos fazer sentir impotentes ou inadequadas diante de tudo o que não podemos fazer. Para algumas de nós, a violência chega com uma ferocidade que nos nocauteia ou com uma regularidade repetitiva que nos destrói. Podemos viver na negação do sofrimento, infligindo-o em outra parte para evitar seu ferrão. Iniquidades, abusos de poder, fracassos, a frustrante e freqüentemente trágica finitude dos limites humanos – tudo isso sobe os nossos degraus sem se fazer anunciar e atravessa a porta sem autorização. Nós precisamos de meios para identificar as tragédias de nossas vidas de modo que possamos encontrar nossos caminhos não apenas para a sobrevivência, mas para a vida abundante. Para encontrar esta vida abundante, precisamos ser capazes de entender como resistir à violência e ao mal, que temos o poder para enfrentar e como lidar com o sofrimento que eles causam sem transformar a violência em uma aceitação fatalista do mal. Uma fé vivificante é fundamental. Nós precisamos de vida – carne e sangue – sobre os velhos ossos secos.

Uma Gramática da Vida para o Sofrimento

Quando as pessoas dizem Deus, Adonai, Alá, Satori, Bem-Amado, Wakan-Tanka ou Krishna, elas dão nome aos meios pelos quais as comunidades humanas lutaram para encontrar a vida abundante. Estes nomes indicam caminhos, heranças de vida, práticas incorporadas e histórias para guiar os que seguem. Estar em qualquer um destes caminhos nos ajuda a compreender o significado de seguir um caminho e ser moldado por suas histórias, práticas éticas, artes e rituais. Os sistemas religiosos recriam constantemente os significados

que apresentam um caminho através das opressoras contradições da vida, uma desconcertante confusão que as pessoas não conseguem compreender num todo sem sinais indicadores e marcadores, sem palavras e imagens, sem rituais e beleza. Tal legado nos deixa uma gramática de vida que nos orienta rumo ao que é de valor e o que não é, ao que devemos ser e ao que não devemos ser, ao que devemos fazer e ao que não devemos fazer. Uma gramática adequada orienta a vida das pessoas que, de outro modo estariam perdidas.

Um dos pontos de orientação mais importantes que a gramática deve prover trata de como devemos compreender e reagir à violência, ao sofrimento e à injustiça. No cristianismo, o ponto central desta orientação foi a morte de Jesus, principalmente pelas interpretações do significado do seu sofrimento na cruz. Tais interpretações, geralmente, defendem algum tipo de doutrina de redenção e confundem violência com sofrimento.

As teologias clássicas da redenção tentam explicar a morte de Jesus como um sacrifício pelo pecado e uma vitória sobre suas consequências. Anselmo tentou explicar por que Deus teve de se tornar humano. Sua resposta é que ele tornou-se humano em Jesus Cristo para redimir o pecado humano que desonra a Deus. Jesus sofre e morre no nosso lugar para fazer a restituição, porque a dívida do pecado deve ser paga. Para resolver o conflito entre a justiça e a misericórdia de Deus, Jesus morre como uma penitência pela dívida, praticando a justiça e a misericórdia, simultaneamente.

Lutero e Calvino levam isso adiante ao enfatizar a ira de Deus. Jesus torna-se uma substituição à tortura que, não fosse pela sua misericórdia, a ira de Deus infligiria a todos nós pelos nossos pecados. Este legado da "teoria substitucionária" da redenção, do modo como formulada por Anselmo e desenvolvida por Lutero e Calvino, segue em direção ao século XX. Ela está presente no Livro Episcopal de Oração Comum e nas tradições com raízes no anglicanismo, incluindo os evangélicos e fundamentalistas neo-

calvinistas que usam a linguagem de Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Um desafio histórico a esta idéia veio de Abelardo. Ele objeta à imagem de Deus sancionando a brutal execução de seu próprio filho inocente. Abelardo pergunta: "Quem perdoará a Deus pelo crime de assassinar seu próprio filho?". Em outras palavras, perturbava-o o registro de uma violência santa, deliberadamente infligida e que poderia ser impedida. Como uma teologia alternativa, Abelardo argumentou que este não é um conflito interior de Deus, como uma luta da justiça contra a misericórdia. Antes, os seres humanos, por causa do pecado, não são capazes de perceber ou crer na misericórdia de Deus. Jesus, como Deus encarnado, vai para a cruz, em fiel obediência à vontade de Deus, como um ato que mostra à humanidade a profundidade do amor divino: um amor tão imenso que está disposto a enfrentar a vergonha, a humilhação e o sofrimento. Despertados para este amor, devemos seguir o exemplo de Jesus. Ele é o exemplar moral cuja compaixão e fidelidade nos levam a confiar no amor de Deus e a imitá-lo em semelhantes atos de obediência e disposição para sofrer. A ética dominante não é a justiça, mas a misericórdia. A encarnação é o amor oferecido gratuitamente a todos. A crítica de Abelardo reflete a ambigüidade dos entendimentos sobre a morte de Jesus encontrados inclusive nos evangelhos, em que a idéia de sacrifício não é dominante¹.

Outras críticas à redenção seguiram a de Abelardo: Thomas Munster, Hosea Ballou, Walter Rauschenbush. Na verdade, quase toda a tradição teológica liberal, do século XIX em diante, objetou a teoria substitucionária da redenção. A teologia da libertação continua a criticá-la também neste século. Um dos principais argumentos contra a redenção tem sua raiz em Abelardo – a redenção substitucionária calunia a misericórdia de Deus e

1. Dewey, J. The rejection of sacrifice. *The center point*. v. 1, n. 1. Maio de 1997:1-4. Disponível por meio da "Feminist Liberation Theologies Program, Episcopal Divinity School, 99 Brattle St., Cambridge, MA 02138.

retrata uma divindade violenta nem ética nem digna de louvor. Todas as críticas liberais adotam, no entanto, a teoria de influência moral de Abelardo, ou alguma versão dela. E isso, a nosso ver, é mais devastador quando o consideramos a partir da perspectiva das experiências humanas da injustiça, dor e sofrimento, porque torna o sofrimento a resposta à violência.

A doutrina da redenção, numa variedade de formas, teve conseqüências devastadoras por prender as vítimas em ciclos de violência. Esta doutrina reapresenta o sofrimento e a vitimização como uma necessidade espiritual e moral. E o faz de diversas maneiras: 1) ela valoriza o silêncio ao invés do protesto; 2) valoriza a obediência ao invés da resistência à autoridade injusta; 3) cultiva a passividade e posterga a mudança ao nos pedir que nos submetamos à violência agora, com recompensas em uma vida futura; 4) privilegia aqueles que infligem e se beneficiam da violência, porque a redenção dos pecadores é mais importante que o inocente que sofre; 5) eleva a inocência ao nível de grande virtude moral, ao invés do discernimento moral consciente, baseado na sabedoria e na reflexão; e 6) protege os perpetradores do mal ao louvar as vítimas como redimidas e subordinando-as ao drama da salvação. E mais, devastadoramente, a teoria da influência moral, doutrina defendida pelos liberais, une a violência e o amor, tornando o maior amor em auto-sacrifício. A ortodoxia e o liberalismo cristãos deixaram de revelar verdades sobre a violência e a opressão, porque continuaram a perpetuar várias doutrinas da redenção. Assim, as verdades sobre a violência e a opressão permanecem não-reveladas.

As confusões, idealizações e mistificações enumeradas aqui assemelham-se, impressionantemente, às conseqüências dos traumas documentadas por aqueles que estudam os efeitos psicológicos do estupro, do abuso infantil, da tortura, do aprisionamento e da guerra. Robert Lifton chamou a estas conseqüências de “entorpecimento psíquico”; Judith Herman usa o termo “distúrbio de

estresse pós-traumático”. O trauma resulta em uma perda de iniciativa. A integridade corporal e a auto-valorização são corroídas. As vítimas, frequentemente, idealizam os agressores como pessoas boas e generosas e amam aqueles que as agridem. Desvinculam a violência do agressor e a negam ou racionalizam. Os pensamentos contraditórios e a desvinculação inibem a capacidade da vítima de reconhecer quando elas ou outros estão em perigo. As vítimas se isolam pelo silêncio, pela passividade e pela perda do afeto ou da relação com os outros. Para as mulheres e crianças em todo o mundo, a forma mais comum de abuso é a violência familiar, praticada em seus próprios lares por pessoas a quem elas amam. A confusão do abuso e sofrimento com o amor é mais perniciosa na violência familiar, porque as vítimas frequentemente amam seus agressores, querem ser amadas por eles, dependem, para seu sustento ou por amor, daqueles que as agridem. Ao tentarem demonstrar o que acreditam ser amor, baseiam seu comportamento em falsas idealizações do amor, e não na resistência ao mal.

As tradições cristãs silenciaram-se sobre a violência familiar, a não ser para aceitar e usar imagens proféticas de Deus como marido que disciplina sua teimosa esposa, Israel, por meio da violência – valorizando tal comportamento como ação divina². Ou, paralelamente às tradições legais bíblicas, para focalizar o mal praticado contra a propriedade feminina de outros homens pelo estupro, por exemplo, como encontrado em Deuteronômio 19.

Na questão dos relacionamentos familiares, o cristianismo não ofereceu uma suficiente gramática de vida para o cuidado ético. Os que eram aterrorizados e feridos pelos membros de suas próprias famílias e vizinhos, em atos secretos de estupro, espancamento e tortura emocional, eram

2. Veja Weems R. *Battered love: marriage, Sex and violence in the Hebrew prophets*. Minneapolis, MN, Fortress Press, 1995, para um estudo sobre as imagens de violência doméstica em Oséias, Jeremias e Ezequiel.

aconselhados a suportá-lo por uma ideologia do amor auto-sacrificial, exemplificado pelas imagens de Jesus aceitando a tortura e a morte como o supremo ato de amor e virtude moral. Mulheres e crianças eram aconselhadas a perdoar, ao invés de resistir ao mal, e a manter o bem-estar daqueles que infligiam a violência acima de sua própria segurança e vida, de modo a salvar suas almas eternas.

Mulheres corajosas e comprometidas com o bem-estar de crianças e de outras mulheres começaram a desafiar milênios de silêncio ao redor da violência familiar³. Algumas destas vozes morais eram cristãs, e outras são necessárias para tratar deste flagelo. Nossa crítica a qualquer idéia que faça da tortura e assassinato de Jesus uma necessidade teológica está baseada em uma análise da violência familiar e nos testemunhos daqueles que sobreviveram a ela, um legado de sobreviventes. A este legado nós sugerimos que a teologia cristã falhou em nomear corretamente a violência e em encontrar meios adequados para compreendê-la e condená-la, e ao fazê-lo apresentou o sofrimento como uma necessidade moral.

Muitas de nós vivenciamos a violação e a violência familiares perpetradas propositadamente e com deliberada crueldade e intenção de aterrorizar. Se nossa gramática não puder nos ajudar a conhecer e a falar deste mal, nós seremos silenciadas por ele, ou silenciaremos nossa memória num vale de negação e esquecimento. Os ossos secos da dor e a poeira da tristeza permanecem intocados pelo impetuoso espírito da vida. Uma gramática cristã deve nos ajudar a encontrar o sopro de vida que agita as profundezas da nossa dor e horror e nos permite sentir a presença sustentadora e capacitadora de Deus. Nossa fé deve soprar vida aos ossos secos. Para encontrar tal gramática, devemos retornar ao ponto central

que define o sentido cristão do sofrimento – a morte de Jesus.

A Execução de Jesus

Jesus viveu em um contexto de violência. O sistema imperial romano sobrecarregava o povo de impostos, levando-o a não conseguir escapar das dívidas e reapropriando-se de suas terras; os romanos levavam os sistemas religioso, econômico e político a servir às necessidades e desejos da minoria governante e seus amigos e colaboradores, como a dinastia dos hasmoneus que governava em Jerusalém. Os sistemas militar e judicial reprimiam a resistência política com violência, que incluía a tortura e o assassinato de líderes em público e a matança em massa dos que protestavam contra as indignidades, explorações e injustiças romanas.

Para as elites governantes de Jerusalém, uma estratégia prudente talvez tenha sido a de proteger seu povo pela cooperação com o Império – estratégia que acabou fracassando. A estratégia tornou as elites extremamente impopulares nos territórios galileu e samaritano do norte. A classe camponesa resistiu de muitas maneiras, incluindo a revolta armada.

Jesus é descrito nos evangelhos como um judeu da região rural da Galiléia e como revolucionário social, um profeta e mestre que ensinava a resistência pela não-violência e que praticava atos de recuperação da violência humana profundamente destrutiva por meio do exorcismo e da cura. Seu movimento parece ter recebido vasto apoio entre galileus, samaritanos e judeus que partilhavam uma ascendência comum nos legados de Abraão e Sara. Por meio deste legado, eles reconheciam os temas da justiça, misericórdia, presença divina e aliança pregados e praticados pelo movimento de Jesus, temas que os faziam contrários à tirania política e religiosa dos romanos.

Organizar tal movimento era perigoso. Ele era punido com a morte na sua forma mais brutal e pública, a crucificação, que era reservada aos

3. O primeiro livro sobre o estupro na perspectiva dos sobreviventes - BROWN MILLER, S. *Against our will: men, women and rape*. New York, Simon and Schuster - foi publicado em 1975 e trata da violência doméstica. O primeiro livro sobre o abuso sexual de crianças veio em seguida.

soldados desertores, aos escravos fugitivos e aos que fomentavam a insurreição política. A crucificação era projetada para humilhar e torturar suas vítimas como uma lição de horror e medo aos outros. As vítimas eram açoitadas até que seus corpos parecessem ter passado pelo moedor de carne; depois eram pregadas a uma cruz na qual suas vidas se esvaíam gota a gota, numa longa agonia pública. “A crucificação era uma punição na qual o capricho e o sadismo dos executores ganhavam plena vazão”⁴. Foi esse horror que os inimigos de Jesus lhe infligiram. Seus inimigos eram Pilatos e seus colaboradores.

Os evangelhos não afirmam isso claramente, mas nós o afirmaremos: o mal feito a Jesus foi irreparável. Ele não se recuperou da violência. Ele não despertou da morte como se fosse um mero sono. Os seres humanos que impunham um sistema de opressão e violência deliberadamente o torturaram e mataram. Não era da vontade de Deus fazer isso a qualquer ser humano. Jesus teve uma morte horrível. Os seres humanos fizeram isso. Foi um ato de grande maldade!

Teria sido melhor que Jesus tivesse vivido uma vida longa. Sua execução não antecipou o reino de Deus. Ela foi parte de uma série de atos de violência que continuaram após a sua execução. Sua morte não derrotou a violência ou o mal. Não trouxe a paz. Não salvou ninguém de ser brutalizado. A tortura e a morte de Jesus serviram à causa de um sistema opressor. **Mas esse sistema não ficou com a última palavra.**

Após a violência, pode-se falar em recuperação e cura para os sobreviventes. Pode-se falar em cura, resistência e compromisso para manter vivo o movimento pela vida e justiça. Este é o testemunho dos evangelhos: o movimento sobreviveu, a presença de Deus no mundo não foi destruída, o Espírito de Deus permanece vivo na luta pela justiça, pela paz, pela plenitude – por

shalom. A presença e criatividade de Deus nos seres humanos assegura a possibilidade de a violência ser vencida, de que a solidariedade por justiça seja real e tenha poder.

A execução de Jesus permanece na história como um evento de terrorismo de Estado. Lembrar dele é lembrar de todos aqueles que morreram nas mãos da violência humana, e estar atento à violência que está ocorrendo hoje. Lembrar dele é resistir à violência, não aceitá-la.

A tradição cristã afirmou que a execução de Jesus foi necessária para a salvação humana, que Deus havia predeterminado este ato e que, por meio da tortura e morte do próprio Deus na forma humana, o mundo foi salvo. A tradição pregou isso e o inscreveu no ritual e credo, persuadindo as pessoas a crerem e afirmarem que perderiam suas almas eternas e seriam separadas de Deus para sempre se não cressem nisso.

Isto foi uma mistificação teológica cristã: a tradição tomou um violento ato de terrorismo de Estado, redefiniu-o como uma negociação familiar entre um pai e seu filho (o Pai e o Filho), e declarou que este acontecimento de violência familiar salvou todos os pecadores, incluindo os terroristas do Estado. Depois, exigiu a crença nesta mistificação.

Ao mistificar a morte de Jesus, a tradição tornou mais difícil perceber as implicações da violência de Estado e resistir a ela, afirmando que tal violência foi resolvida – salva – por meio da violência familiar. E que aqueles que são vitimizados deveriam perdoar esta violência, ao invés de lutar contra ela. A tradição afirmou que eles perderão suas vidas e serão afastados de Deus e de suas comunidades se não crerem nisso. Ao criar uma imagem de violência familiar como evento de salvação, a teologia sancionou o perigo que correm as mulheres e crianças em suas próprias casas e usou de chantagem para mantê-las presas.

Nada foi salvo por esta afirmação, mas a violência do Estado foi sancionada como vontade divina. E a fúria se voltou contra os judeus por algo que “deveria” acontecer de qualquer modo

4. HENGEL, M. *Crucifixion: In the ancient world and the folly of the message of the cross*. Philadelphia, Fortress Press, 1977. p. 25.

– isto é, por ser predeterminado por Deus. E porque era predeterminado, os poderosos oficiais do império romano são perdoados, e a ira se volta contra os judeus. Em outras palavras, a culpa pela morte de Jesus passou para o inimigo errado, seu próprio povo, criando uma estrutura de violência paralela entre cristãos e judeus, e uma cortina de silêncio e absolvição desceu sobre o terrorismo romano, que era o poder que os podia destruir a ambos.

A disposição do ser humano em usar outro ser humano para seus próprios fins, sem consideração pelas pessoas como seres sagrados de valor intrínseco, está no centro de todos os atos de exploração, abuso e violência. A morte não é o inimigo – a violência e a injustiça praticadas deliberadamente o são. A resposta ética é identificar corretamente aqueles que abusam do poder contra os outros, encontrar formas de resistência, buscar transformar a maldade e proteger e libertar os que são prejudicados pela injustiça. As conseqüências de tais atos de coragem não são responsabilidade da pessoa que assumiu os riscos, cujo alvo é alcançar a mudança por justiça. Se a tortura e o assassinato forem a conseqüência do ato de coragem, a responsabilidade é daqueles que cometem a violência.

Evidências crescentes indicam que os atos humanos de violência e nossa capacidade de participar em genocídios nos são ensinados, primeiramente, pelas experiências de violência familiar⁵. A violência torna-se uma ação deliberadamente escolhida, baseada em comportamento aprendido. E a violência, em todas as suas formas, nega o espírito encarnado de Deus em cada pessoa. O conhecimento deste espírito vivificante, presente em toda a vida, deve guiar o nosso entendimento da dor, do sofrimento e da injustiça. Esta é a única gramática cristã que não revitimizará os atingidos pela violência.

E eis uma história sobre tal gramática, sobre o conhecimento da presença de Deus em meio ao medo e a violência.

Quando fui estuprada quando criança, houve um momento no qual eu estava absolutamente certa de que iria morrer – e talvez eu estivesse, de fato, perto de ser assassinada. Eu estava sendo oralmente estuprada. Não conseguia respirar. Era apenas uma criança! Quatro anos de idade. E o peso do homem sobre mim me esmagava. Naquele momento eu soube que havia uma presença comigo que era “mais forte” que o estuprador, e que podia envolver o meu terror. Esta presença tinha uma compaixão ilimitada por mim e uma ligação indestrutível comigo; ela me tinha num abraço envolvente e, no que diz respeito ao assunto, o homem que me estuprava. Compreendi que se morresse, de algum modo eu ainda estaria na sua presença; esta presença me “levantaria”; esta presença era “maior” que a morte e “maior” que o poder do homem que me estuprava.

Esta presença não poderia impedi-lo de me matar. Mas eu sabia que se ele a notasse, ele *seria* interrompido. Ele não poderia continuar. Não conseguiria. Estava claro para mim. Ele *não poderia* estar consciente desta presença e fazer o que estava fazendo comigo. Ele só conseguia fazê-lo porque não percebia, não conhecia. Portanto, esta presença *tinha* o poder de me salvar da morte e, de certo modo, eu creio que me salvou. O homem desistiu de me matar, e creio que isso aconteceu porque alguma parte dele não pôde negar o fato de que estava estuprando a Deus. Não que eu fosse Deus, é claro, mas que a presença estava ali e ao me estuprar ele estava indo contra a presença.

O homem foi interrompido pela presença, é nisso que eu creio. A presença salvou a minha vida. Mas ele poderia não ter sido interrompido. Ele poderia ter me matado. Os molestadores matam. Os nazistas mataram. Os espancadores matam suas esposas e filhos. Eu sabia que se ele tivesse me matado, isso teria sido por negar completamente a presença. Tal negação é totalmente possível, e acontece o tempo todo.

Uma coisa que minha própria experiência mostra é que o perigo extremo pode ser revelador. Aparentemente, as experiências de proximidade da morte tendem a ser. E aquela foi uma violenta experiência de proximidade da morte. Mas ainda me sinto ofendida quando o assassinato de Jesus é enaltecido como um acontecimento revelador da

5. Por exemplo, ver Shengold, L. *Soul murder revisited; Thoughts about hate, love and memory*. New Haven, Yale University Press, 1999.

presença de Deus – e não estou bem certa do porquê. Acho que a religião sugere que tais experiências são, portanto, uma bênção. Se eu não tivesse sido estuprada quando criança, eu não teria experimentado a bênção desta divina revelação. Mas que droga! Eu entregaria esta bênção de bom grado a qualquer um que estivesse disposto a viver com as maldições que acompanham esta violação. E também me perturba que as pessoas pensem que a presença de Deus aparece nas situações extremas e emergenciais, mas não está disponível em todo o resto do tempo. De algum modo, isso deixa os intocados pela violência distantes do chamado a reverenciar a presença de Deus em toda a vida; ou, afirma que somente os que sofreram violações terríveis têm acesso ao conhecimento de Deus. Esta idéia é horrível!

Portanto, se você me vir atacando a noção teológica de que a execução de Jesus é uma dádiva reveladora, você entenderá o motivo. Jesus não precisava morrer por nós para saber que Deus está presente. Ele não precisava ressurgir dentre os mortos para que nós soubéssemos que o poder criativo de Deus é maior do que a morte. O judaísmo já afirmava tudo isso; sabia disso tudo. Além do mais, *ninguém* têm que sofrer para que Deus se torne conhecido a nós.

E isso significa que Jesus não tinha que sofrer e ser morto para que Deus fosse revelado, para que nós tivéssemos um relacionamento correto com Deus. A gramática cristã fundamental revelada a nós pela história de Jesus é que Deus está no mundo, presente, convidando, até mesmo nos forçando a notar e reconhecer esta presença. Nós podemos conhecer a Deus em plenitude e ser transformados por este conhecimento em nossas vidas comuns.

Uma Gramática para Viver Além da Violência

Ser cristão é lutar e ter a esperança de manter a fé no que conhecemos sobre a presença de Deus em meio às nossas vidas comuns neste

mundo. Esta não é uma tarefa pequena. Muitas formas de violência em nosso mundo contemporâneo podem ser mascaradas e tornadas invisíveis aos que vivem uma vida de classe média em sociedades ricas. Uma das violências mais perniciosas e difíceis, tanto de serem percebidas quanto de se resistir a elas, é a exploração econômica.

O que nós sabemos sobre a presença de Deus na América do Norte é que o atual sistema comercial é imoral. Ele está baseado na exploração não apenas dos seres humanos ao redor do mundo, mas também da própria Terra. A manutenção dos padrões do Primeiro Mundo da vida de classe média exige que grandes populações permaneçam sempre bem abaixo deste padrão. Como mulheres americanas de classe média, nossas atividades diárias de comer, dirigir, aquecer nossas casas, comprar roupas e trabalhar cooperam com um sistema econômico que pratica a violência contra a Terra e muitos de seus povos. O ritmo do consumo e seus produtos magnetizam a nossa atenção, fazendo-nos pensar que tal distração é suficiente, que ter mais balangandãs e *status* e casas maiores e mais alienantes equivale a ter uma vida melhor, mais protegida e segura. O consumismo é um materialismo que nega que o mundo material tem valor espiritual, que outros povos têm valor espiritual. Dizer que experimentamos a presença de Deus como um chamado à justiça e à verdade e nos silenciar sobre tal injustiça é negar esta presença.

Reconhecer a presença de Deus em tal sistema é perturbador e angustiante. O modo como vivemos hoje nos mantém na negação da verdade de que as nossas roupas são feitas pelos explorados das fábricas escravizantes, de que o nosso alimento contém o pesticida que envenena os filhos dos trabalhadores das fazendas, e que as ansiedades do declínio da classe média baseiam-se na realidade de uma crescente lacuna entre ricos e pobres no mundo. Nos Estados Unidos, nós convivemos com o aumento das doenças relacionadas ao estresse, o aumento do número de crianças vivendo na pobreza, o desespero de uma per-

manente subclasse, e o terror de adolescentes brancos do subúrbio matando seus próprios colegas de escola. Como os teólogos latino-americanos nos têm feito lembrar ao longo de duas décadas, nós vivemos num sistema imoral.

Que algumas pessoas vivem bem, disso não há dúvida. A tecnologia e a riqueza têm dado a algumas gerações americanas no século XX níveis sem precedentes de conforto e educação. Nós, autoras, temos acesso a este conforto e educação. Mas para nós este nível de riqueza é motivo de exame de consciência, não apenas por causa das tensões que acompanham tais realizações, mas também porque estamos demasiadamente conscientes do custo para o resto do mundo do nosso assim chamado bem-estar. Como Larry Rasmussen observa, “se as condições atuais continuarem, nós não continuaremos”.⁶

Não devemos confundir riqueza com conforto espiritual. Muitas vezes, a necessidade de consumir é movida por um desejo de usar o conforto material para mascarar a privação e o sofrimento emocional. Assim como o álcool, as drogas, o jogo, o trabalho e o sexo compulsivos, o consumismo pode ser um remédio para uma dor da qual queremos nos esquecer. Os sinais de sucesso material também podem ser uma tentativa de provar que temos o *status* necessário, como pessoas marginalizadas, para pertencer à sociedade. Pela demonstração de sucesso financeiro, somos tentados a pensar que demonstramos o nosso poder e o direito de existir sem sermos molestados. Tentamos imitar as vidas dos que nos magoaram. Tais remédios e estratégias, no entanto, não nos trazem integridade ou conforto espiritual. Nem nos capacitam a trabalhar pela justiça. Somente uma gramática religiosa pode fazer isso.

Em meio às nossas vidas neste mundo, em nosso próprio tempo e espaço, devemos lutar para manter a fé no que conhecemos sobre a pre-

sença de Deus. Conhecer a Deus é conhecer a permanente presença da qual nem mesmo um violento sistema econômico pode nos separar. O legado da violência é que ele pode romper este conhecimento. A violência pode destruir nossa capacidade de experimentar a qualidade numérica de nós mesmos e da vida, tanto quanto pode colocar em termos claros a realidade desta presença. No modelar de cada momento, na formação de uma vida individual e na construção de uma vida conjunta em comunidades e sociedades humanas, é possível violar a presença de Deus. É possível negar o valor intrínseco da vida – nos afastar do bem de todas as coisas, recusar a reverência e silenciar a alegria.

Com relação à violência familiar, nós cremos que a “história cristã” foi contada de maneiras que auxiliam a mão da exploração, ao invés de impedi-la. Mas uma história de sobrevivência, prosperidade e restauração pode ser contada nesta gramática. E a tradição é sábia sobre como o ser humano pode resistir e sobreviver à profunda violação. Esta sabedoria é contada na história joanina de Jesus.

Nos discursos de despedida, nos capítulos 13 a 18 de João, Jesus pratica e prega um amor ético na comunidade que sustenta a vida dentro de um sistema imperial. Richard Horsley propõe que a ética do amor aos inimigos é uma ética de solidariedade aos oprimidos que têm mais a ganhar pela cooperação do que pela agressão uns aos outros como inimigos. Esta não é uma ética preocupada com o amor aos opressores e perpetradores de violência, mas de resistência ao impulso de se envolver em ódio e agressão paralelos⁷. Os discursos de despedida de Jesus revelam uma ética de solidariedade, na qual ele chama seus discípulos de seus amigos. Jesus os convida a partilhar de tudo o que ele sabe sobre Deus e a vida humana. Este conhecimento ocorre no

6. Em *Earth community, earth ethics*. Maryknoll, NY, Orbis Press, 1996.

7. Em *Jesus and the spiral of violence; Popular Jewish resistance in Roman Palestine*. San Francisco, Harper & Row, 1987.

“mundo”, um sistema político que odeia tal conhecimento. Conhecer a Deus envolve grandes riscos, inclusive a perseguição e a morte, mas esta é a única fonte de vida. Jesus reforça a coragem de seus amigos alertando-os sobre as coisas que viriam, revelando-lhes que experimentariam a dor, e prometendo-lhes que conheceriam a alegria. Ele ora para que eles tenham a vida eterna. A promessa de vida eterna não é algo que vem após a morte. Ela é vivenciada aqui e agora por aqueles que conhecem a presença de Deus pela prática do amor.

No desenvolvimento gradual desta prática de amor, nós percebemos como o Espírito sempre nos sustentou, em meio ao pior que podemos imaginar, se o pior não nos tiver destruído. Conhecemos a Deus não de uma só vez, numa mudança ou decisão cataclísmica, mas no viver de nossas vidas, quando amadurecemos na capacidade de sermos curados e transformados, um momento por vez.

Diante de tudo que pode nos destruir, a grande realização humana é amar: viver acreditando na presença de Deus; viver sabendo que tal presença nos ajuda a desenvolver; e viver na esperança e alegria diante de tudo o que pode nos levar ao desespero e ao cepticismo. Este processo é a vida eterna, vida nova para ossos velhos. Escolher a vida eterna é permitir que Deus nos toque, é abrir todo o nosso ser ao mundo, desejando sentir esta presença na sua profundidade e força, sabendo que, ao assumir riscos, devemos também estar sempre vigilantes. Pois sabemos que o mal é real; ele destrói, e aquilo que ele destrói não pode ser compensado.

Nós sobrevivemos à dor dos atos deliberados de maldade – estupro, tortura, genocídio, assassinato, espancamento e terror emocional – por meio de nossa capacidade de conhecer plenamente, na vivência, no Espírito de Deus em nós e nos outros. Por meio desta prática diária, somos transformados pela capacidade do Espírito de soprar vida em ossos secos. Experimentamos, pela vida, o calor curativo do Espírito, sua impetuosidade, suas energias capacitantes, seu constran-

gedor olhar da verdade e seu chamado à ação. A luz veio ao mundo e as trevas não a podem vencer. Ao sermos constantemente transformados por nossa prática de amor, ganhamos a coragem para lutar para transformar as estruturas da injustiça, para resistir e confrontar o mal, e para criar meios para prosperar.

No final da Segunda Guerra Mundial, Lyle Reinhart voltou para casa, em Iowa. Na pequena cidade que ele havia deixado ao ir para a frente de batalha, no Ocidente, sua mãe e irmãs aguardavam a sua volta. No dia da sua chegada – o único veterano a retornar vivo para aquela cidade – todos foram recebê-lo. Quando o trem entrou na estação, a banda começou a tocar, o prefeito estava presente para cumprimentá-lo.

Mas, como sua irmã explicou mais tarde, o homem que desceu do trem não era o rapaz alegre e jovial que havia partido. O homem que desceu era um fantasma. Ele não pareceu reconhecer ninguém, mãe, irmã ou amigo. Em resposta às boas-vindas da multidão, ele ficou parado, olhando, silenciosamente, inexpressivo.

Sua família o levou para casa, na fazenda. Ele se sentou na cadeira de balanço na sala de estar. Ele não falava, não se movia, e mal podia falar. Nesse estado ele permaneceu por dias, que se transformaram em semanas e depois meses.

Ninguém na cidade já ouvira falar em choque traumático. Sabiam apenas que a alma de Lyle estava perdida em algum lugar.

Sua irmã, Martha, decidiu ficar com ele. Sempre que podia, ela se sentava ao seu lado. E falava. Ela lhe contava sobre o almoço da igreja, quem estivera lá, o que havia sido servido, o que cada moça havia usado. Contava-lhe sobre as conversas que havia ouvido na loja da cidade e a que altura estavam as plantações naquele momento. Ela lhe contava sobre o vento, que naquele dia tinha soprado a roupa lavada para o meio dos tomates. Quando não sabia o que dizer, ficava simplesmente ali, sentada com ele, descascando feijão, remendando meias. E ele sentado ali, em silêncio, como uma pedra.

Então uma noite, enquanto ela tricotava silenciosamente ao seu lado, os olhos de Lyle se encheram de lágrimas. Elas transbordaram e correram por seu rosto imóvel. Martha viu. Ela se aproximou do irmão e o envolveu nos braços. Ele começou a chorar a plenos pulmões, grandes soluços de angústia, e um grito que vinha lá do fundo.

Então começou a falar, falar sem parar. Falou do frio, do medo, do barulho, da morte de seus companheiros, das longas marchas, e depois dos seres humanos nos campos, das covas coletivas, do cheiro. Falou a noite inteira, até que a luz do dia começou a surgir nos campos, e Martha ouviu até ele falar tudo o que tinha a dizer. Então lhe preparou o café da manhã.

E ele saiu e cumpriu as tarefas da manhã.

Nós somos transformados pelo enfrentamento e cura da fraqueza, pela luta para falar, pela capacidade de conhecer a tristeza, pela recuperação da alegria, pelo trabalho em prol da justiça, e pelo comprometimento, dia a dia, a viver em relacionamentos corretos. Ser cristão é ser transformado pela Presença de Deus no mundo. Abrimo-nos tanto à tragédia como à esperança, ao refrigério da vida no momento, à luta por justiça e ao inefável poder da beleza. Vivemos como se acreditássemos que

o amor importa,
a beleza importa,
a justiça importa,
a terra importa,
a cura importa,
a paz importa,
nossos filhos impórtam,
a luta pela vida importa,
nós mesmos importamos,
e abraçamos o que importa,
com calor, perto do coração,
em nossos braços,
como uma bênção e uma graça,
e recebemos a dádiva da
vida eterna.

Bibliografia

- BROWNMILLER, S. *Against our will: men, women and rape*. New York, Simon and Schuster
- DEWEY, J. The rejection of sacrifice. *The center point*. v. 1, n. 1. Maio de 1997. *Earth community, earth ethics*. Maryknoll, NY, Orbis Press, 1996.
- HENGEL, M. *Crucifixion: In the ancient world and the folly of the message of the cross*. Philadelphia, Fortress Press, 1977.
- Jesus and the spiral of violence: Popular Jewish resistance in Roman Palestine*. San Francisco, Harper & Row, 1987.
- SHENGOLD, L. *Soul murder revisited: Thoughts about hate, love and memory*. New Haven, Yale University Press, 1999.
- WEEMS R. *Battered love: marriage, Sex and violence in the Hebrew prophets*. Minneapolis, MN, Fortress Press, 1995.